

Considerações sobre os empréstimos em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa

LUIZ CARLOS DE ASSIS ROCHA

De início, por questões de ordem metodológica, convém estabelecer os limites e os objetivos deste trabalho.

Muito se tem discutido em torno dos empréstimos fonológicos e morfo-sintáticos. Em outras palavras, discute-se se uma determinada língua, ao receber elementos de outro idioma, pode sofrer modificações naquilo que ela tem de mais característico, ou seja, a sua estrutura interna. Por motivos diversos, não iremos discutir esse problema. Mesmo entre os lingüistas, notam-se posições diferentes, o que nos leva a certo cepticismo sobre a possibilidade de interinfluência lingüística no âmago das línguas. Embora Ronald Langacker se mostre receptivo à idéia — “mudanças na sintaxe e na fonologia de uma língua também resultam de empréstimo, mas menos frequentemente”¹ —, Mattoso Câmara coloca-se numa posição equidistante dos extremos, preferindo tão — somente expor as teorias sobre o assunto. E conclui, nos *Princípios de Lingüística Geral*: “Hoje nenhuma das duas teorias se mantém integralmente”.²

Edward Sapir nega, praticamente, a possibilidade desse tipo de influência: “De uma maneira geral, portanto, procuraremos associar as principais discordâncias e divergências de forma lingüística, — padrão fonético e morfologia —, com a deriva autônoma das línguas, sem complicá-la com os efeitos de uma difusão de caracteres fortuitamente acumulados ora num sentido, ora noutro”.³

Neste nosso trabalho, iremos, portanto, nos preocupar com os empréstimos lexicais do português, decorrentes de influência estrangeira. Tal balizamento se faz necessário, uma vez que, além dos empréstimos externos a uma determinada língua, existem também os chamados empréstimos internos, ou íntimos. Nesse caso, “tem-se o empréstimo lingüístico como fato primário, resultante da coexistência de dois idiomas no mesmo meio social”.⁴ Não iremos, também, nos preocupar com esse tipo de influência, dado o volume de pesquisa a que nos obrigáramos neste momento.

Uma leitura recente de *Os Sertões*, de Euclídes da Cunha, chamou-nos a atenção para o tratamento que dá o Autor aos empréstimos. No decorrer da leitura, passamos a estabelecer comparações com *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. A descrição do tratamento que cada um dos escritores dá ao problema e a possibilidade de se considerar a diferença de tratamentos com um dos reflexos de mudança de língua constituem os principais objetivos deste trabalho.

1. ASPECTO GRÁFICO

O primeiro aspecto que salta aos olhos quando se observam os empréstimos nos dois autores, é a diferença de tratamento no que se refere ao aspecto gráfico. Em Euclídes da Cunha, os empréstimos aparecem em itálico, na maioria das vezes, constituindo-se, assim, como que corpos estranhos ao texto:

“... e o seu folk-lore belíssimo de rimas de três séculos...” (p. 100)⁵ (do inglês: *folklore* — ‘folclore’)

“... os sertanejos apareciam como os *chouans* depois de Fontenay...” (p. 476) (do francês: *chouan* — ‘rebelde da Bretanha’)

“A urbs monstruosa, de barro, definia bem a civitas sinistra do erro.” (p. 184) (do latim: *urbs* — ‘cidade-edificação’ e *civitas* — ‘cidade-população’)

Em Guimarães Rosa, o estrangeirismo se amalgama ao texto, tornando-se às vezes difícil reconhecê-lo:

“A coisa que o que era xô e bala.” (p. 161) ⁶ (do inglês: *show* — ‘espetáculo’, ‘exibição’)

“Falavam os rifles e outros: manlixa, granadeira e comblém.” (p. 161) (do alemão: *Mannlicher* — ‘fuzil de repetição’ e do francês: *Comblain* — nome próprio)

2. O “MODUS FACIENDI” DE CADA AUTOR

Euclides da Cunha faz uso, via de regra, de palavras e expressões estrangeiras que já são consagradas pelos autores nacionais ou que já têm curso normal em Língua Portuguesa. Na maioria dos casos, o Autor não se dispôs a ir buscar diretamente em outros idiomas vocábulos e expressões alienígenas para integrar o seu texto:

“... o rústico *landlord* colonial aplicou no trato de suas cinquenta fazendas de criação a índole...” (p. 103) (do inglês: *landlord* — ‘proprietário’)

“... o espírito mais robusto permanece inerte a exemplo de uma lente de *flintglass*...” (p. 363) (do inglês: *flint-glass* — ‘cristal’, ‘vidro muito resistente’)

“... que o inimigo *in-extremis* tivesse ainda fôlego para...” (p. 545) (do latim: *in extremis* — ‘nos últimos instantes de vida’)

Já Guimarães Rosa, ao empregar uma palavra ou expressão estrangeira, lança mão de um dos seguintes expedientes:

a) O Autor é absolutamente original ao empregar a palavra em português, tendo ido, ele próprio, buscar em outro idioma o vocábulo:

“Ou — o senhor vai — no *soposo*: de chuva-chuva.” (p. 23) (do alemão: *suppig* — ‘chuvoso’, ‘ensopado’ + sufixo. — *oso*)⁷

“... aquêles⁸ esmerados esmartes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas...” (p. 81) (do inglês: *smart* — ‘picante’, ‘elegante’). Atente-se para a contaminação semântica que sobre esmarte exerce o sugestivo vocábulo português de origem germânica *esmalte*.

“... então Zé Bebelo perequitava, assoviando, manobrava as patrulhas, vai-te, volta-te”. (p. 73) (do latim *perequitare* — ‘percorrer fileiras a cavalo’, ‘andar a cavalo para lá e para cá’)⁹

b) Ao empregar o estrangeirismo que já tem curso normal em Língua Portuguesa, Guimarães Rosa adapta-o, de alguma maneira, às características do idioma importador (ver adiante item 4):

“Ao que eu, abirado, reagi...” (p. 381) (do latim: *ab irato* — ‘sob a inspiração da ira’)

“Ah, mas, dêles, tiros vinham, bala estripitriz...” (p. 269) (do inglês: *strip tease* — ‘despimento’)

“Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na lordeza.” (p. 95) (do inglês: *lord* — ‘senhor’ + sufixo — *eza*)

“Vá de retro! — nanje os dias e as noites não recordo.” (p. 260) (do latim: *vade retro* — ‘sai da minha frente’, ‘retira-te’)

A diferença do “*modus faciendi*” de cada Autor reside, portanto, no seguinte:

Em Euclides da Cunha, trata-se de um fenômeno de língua, ou de estilo de época, ou de língua literária nacional.

Em Guimarães Rosa, a questão está relacionada com o estilo individual, ainda que o toque pessoal do escritor se limite a uma adaptação ao português ou a uma espécie de reinterpretação gráfica e semântica.

3. ORIGEM DOS EMPRÉSTIMOS

Quanto à origem dos empréstimos, nota-se uma certa preferência de Euclides da Cunha pelos latinismos e, dentre esses, o Autor emprega com mais freqüência as expressões e as frases feitas. Os vocábulos são, na sua maioria, dicionarizados¹⁰ e já

fazem parte, portanto, da tradição lexical portuguesa. São palavras muito freqüentes no texto euclidiano: *urbs*, *regimen*, *ultimatum*, *facies*, *habitat*, etc. São raros os vocábulos latinos que não estão registrados nos dicionários comuns de Língua Portuguesa, como no exemplo:

“Era necessário que se lhe contrapusesse a *arx* monstruosa, erigida como se fosse o molde monumental da seita combatente.” (p. 196) (do latim *arx* — ‘baluarte’, ‘fortaleza’)

Mas as expressões e frases feitas latinas sobejam, como dissemos, no texto em estudo:

“... nos trechos em que se operou a decomposição *in situ* do granito...” (p. 13) (‘no próprio lugar’, ‘no lugar onde estava’)

“... que o inimigo *in-extremis* tivesse ainda força...” (p. 545) (‘nos últimos instantes da vida’)

“... em que era *magna-pars* um Lovelace de coturno reúno, um sargento de polícia.” (p. 162) (‘a maior parte’)

“E estas são, ainda, a *vis a tergo* dos combates.” (p. 259) (‘força pelas costas’)

“A *Legio Fulminata* de João Abade.” (p. 279) (legião que traz o brilho do raio ou é atingida pelo brilho do raio)

“... formando-lhes o *divortium aguarum* ” (p. 22) (‘divisor de águas’)

“É a *sylva aestu aphylla*, a *sylva horrida*, de *Martius*...” (p. 44) (‘floresta desfolhada pelo calor’, ‘floresta que provoca pavor’)

“...ou traçando a norma *verticalis* dos jagunços.” (p. 113) (‘modelo vertical’)

O gosto pelo idioma clássico levou-o às vezes à transcrição de frases inteiras:

“... norteava-os a todos como um aforismo o *ultra equinotialem non peccavi*, na frase de *Barleus*.” (p. 88) (‘não pequei além do Equador’)

O inglês também é usado por Euclides da Cunha, mas com menos freqüência que o latim. O Autor utiliza tanto palavras, quanto expressões provindas do inglês:

“... o Vasa-Barris (...) torcia para o norte feito um canon fundo.” (p. 189) (de canyon: ‘garganta sinuosa e profunda, cavada por curso d’água’)

“... o casebre de teto de argila dos jagunços equiparado ao wigwan dos Peles Vermelhas...” (p. 185) (‘cabana’, ‘barraca’)

“... o povo do Rio de Janeiro reunido em meeting e ciente do doloroso revés...” (p. 35) (‘encontro’, ‘comício’)

“Vimo-lo neste steeple-chase bárbaro.” (p. 116) (‘corrida de obstáculos’)

“Falta às terras flageladas do norte uma alta serra que (...) determine a dynamic colding... (p. 35) (‘refrigeração dinâmica’, numa tradução literal)

“A terra patenteia essa manageability of nature...” (p. 73) (‘maleabilidade da natureza’, numa tradução literal)

Entre os poucos exemplos de empréstimos franceses, há palavras que são encontradas nos dicionários de Língua Portuguesa com a grafia adaptada, mas que foram transcritas por Euclides da Cunha com a grafia original. São exemplos: plateau e falaises (platô e falésias, em Caldas Aulete):

“... entrando pelo Egito e pela Síria, assumindo todos os aspectos da enorme depressão africana ao plateau árábico...” (p. 51) (‘planalto’)

“... as escarpas dos tabuleiros terminando em taludes a prumo, que recordam falaises...” (p. 19) (‘penhascos’)

Os exemplos seguintes, o Autor tomou-os diretamente do francês:

“... onde tênues fios de água defluíam imperceptíveis como nos oueds africanos...” (p. 478) (a língua francesa, por sua vez, tomou a palavra do árabe — ‘rio temporário do Saara’)

“... os sertanejos apareciam como os chouans depois de Fontenay.” (p. 476) (‘rebeldes da Bretanha’)

“Projctis de toda espécie, sibilos finos de Mannlicher e Mauser, zumbidos cheios e sonoros de Comblain...” (p. 499) (de comblain, carabina inventada pelo belga Comblain)

Euclides da Cunha também transcreveu, do francês, frases inteiras:

“Está Antônio Conselheiro de todo entre esses retardatários que Fouillée compara, em imagem feliz, à des coureurs sur le champ de la civilisation, de plus en plus en retard”. (p. 170) (‘a corredores sobre o campo da civilização, cada vez mais atrasados’)

Os empréstimos do alemão referem-se, em sua maioria, a tipos e marcas de armas. São nomes como: Nordenfeldt, Krupp, Schrapnell, Mauser e Mannlicher.

“... o comandante do Distrito apelava para o governo federal requisitando (...) 4 metralhadoras Nordenfeldt, 2 canhões Krupp...” (p. 236)

“Estouravam-lhe por cima e em roda os schrapnells”. (p. 393)

“Projctis de toda espécie, sibilos finos de Mannlicher e Mauser...” (p. 499)

Guimarães Rosa, assim como Euclides da Cunha, também demonstra uma certa preferência por palavras e expressões tomadas do latim. Num segundo plano estão os empréstimos ingleses, alemães e indígenas. Finalmente, os estrangeirismos de origem francesa. Num quadro geral, pode-se dizer que os vocábulos e expressões peregrinos em Guimarães Rosa são bem menos freqüentes do que em Euclides da Cunha.

Torna-se uma tarefa difícil estudar os estrangeirismos em Grande Sertão: Veredas, uma vez que eles, como já foi dito antes, passam a fazer parte integrante do texto, adquirindo feições de legítimos vocábulos portugueses.

Na sua grande maioria, o Autor emprega vocábulos isolados, tendo sido encontradas apenas três expressões latinas, que são as seguintes:

“Ao que eu, abirado, reagi...” (p. 381) (de ab irato — ‘sob a inspiração da ira’)

“Vá-de-retro! — nanje os dias e as noites recordo.” (p. 260) (de vade retro — ‘sai da minha frente’, ‘retira-te’)

“Da vida pouco me resta — só o deo-gratias, e o troco.” (p. 77) (‘graças a Deus’)

É interessante observar que das três expressões latinas, apenas *deo-gratias* aparece em itálico. Isso se deve ao fato de o Autor tê-la usado em sua forma original, sem adaptação fonética, constituindo-se, portanto, ainda, um corpo estranho ao texto.

Passemos a outros exemplos de latinismos, todos eles tomados à fonte pelo próprio Autor, uma vez que não são vocábulos dicionarizados, nem têm curso normal em Língua Portuguesa:

“... então Zé-Bebelo *perequitava*, assoviando, manobrava as patrulhas, vai-te, volta-te.” (p. 73)

Segundo Cavalcanti Proença, o verbo foi tomado de *perequitate* — ‘percorrer fileiras a cavalo para lá e para cá’.¹¹

“Seja sem espera, quando já estão meio no meio, aquilo *sucrepa*...” (p. 54)

Também em Cavalcanti Proença lemos: “*sucrepare* (sub + crepare) — ‘estalar por baixo’, ‘estrondar’.”¹²

Com relação aos latinismos em Guimarães Rosa, convém assinalar que muitas interpretações apressadas têm sido feitas e, às vezes, verdadeiros argumentos procustianos são citados pelos críticos, com a intenção de eivar o Grande Sertão: Veredas de palavras advindas diretamente do latim. Sem querer-nos alongar agora neste terreno, diremos apenas que não acolhemos como latinismos vocábulos como: *renitir*, *escurril*, *restível* e *capistrar*, normalmente citados pelos estudiosos como empréstimos latinos:

“Os *hermógenes* (...) *renitiam* feito peste” (p. 46)

“Com tanta bobéia assim, *desfrutável* e *escurril*.” (p. 101)

“Aquele *capim-marmelada* é muito *restível*, redobra logo na brotação, tão verde-mar, filho do menor *chuvisco*.” (p. 24)

“Assomo assim de frechar surpresa, a gente *capistrou*, grossamente, e sem fala.” (p. 276)

Renitir (‘mostrar resistência’, ‘resistir’) e *escurril* (‘ridículo’, ‘torpe’) são vocábulos registrados no Dicionário de Caldas Aulete. Aí também encontramos *restivo* (‘produto da segunda cultura de um campo’) e *capistro* (‘faixa ou atadura para a cabeça’), dos quais *restível* (‘que se cultiva todos os anos’) e *capistrar* (‘açai-

mar', 'conter', 'sentir-se dominado') são derivados. Com relação aos dois últimos vocábulos, trata-se, portanto, de um processo normal de derivação de palavras dentro do próprio português.

Como exemplos de vocábulos tomados do inglês, temos:

"... aquêles esmerados esmartes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas..." (p. 81) (de smart — 'vivo', 'picante', 'irônico', 'elegante')

"Ah, mas, dêles, tiros vinham, bala estripitriz..." (p. 269) (de strip tease — 'despimento')¹³

"A coisa que o que era xô e bala." (p. 161) (de show — 'espetáculo', 'exibição')

Também aparece um exemplo de marca de arma:

"... ferramentas rógers e roscofes, latas de formicida..." (p. 57)

Na última frase transcrita, aparece o vocábulo roscofe. Aurélio Buarque de Holanda, no seu Dicionário, deriva-o do antropônimo Roskopf, de G. F. Roskopf, relojoeiro suíço que deu nome a uma antiga marca de relógio. No texto rosiano, aparece com o sentido corrente no Brasil: 'de má qualidade', 'ruim'.

Os empréstimos do alemão, principalmente os nomes de armas, parecem termos antigos da língua, tal a maneira como aparecem vernaculizados:

"Falavam os rifles e outros: manlixa, granadeira e comblém." (p. 161) (de Manlicher)

"Apontou nos cachos dêle a máuser. (p. 321) (de Mauser)

Ainda se poderia assinalar o termo sopoço, que, segundo Meyer Clason¹⁴, teria sofrido influência do alemão suppig — 'chuvoso', 'ensopado':

"Ou — o senhor vai — no sopoço: de chuva-chuva." (p. 23)

A interpretação parece-nos um pouco fantasiosa. É possível também considerar o termo como simples derivado de sopa, com o sentido de 'ensopado', formação, aliás, tão a gosto de Guimarães Rosa, em vista de sua especial preferência pelo sufixo — oso.

Embora não se trate de um estrangeirismo no sentido que vimos adotando — “adoção de traços lingüísticos diversos dos do sistema tradicional”¹⁵ —, pois, no caso seguinte temos apenas uma adaptação de um vocábulo estrangeiro à fala de Riobaldo — é interessante observar o exemplo em pauta, pelo que ele revela da preocupação de Guimarães Rosa em ser fiel, o quanto possível, à linguagem oral, mesmo em se tratando de estrangeirismo:

“Níquites”! — conforme que o Vupes constante exclamava.” (p. 47)

O fato de o *nichts* sertaneja vir em itálico e entre aspas, também revela o ponto de vista de Guimarães Rosa, de considerá-lo um termo estranho à fala de Riobaldo e à Língua Portuguesa.

Mais eloqüente ainda é o exemplo abaixo, que revela a mesma preocupação de Guimarães Rosa:

“Ah, o senhor conheceu ele? . . . E como é mesmo que o senhor fraseia? *Wusp*? É. Seo Emílio *Wuspes* . . . *Wúpsis* . . . *Vupes*. Pois esse *Vupes* apareceu lá . . .” (p. 57)

Esse trecho, por ser muito característico do que estamos estudando, ainda será retomado em páginas adiante.

Do francês, podemos apontar um nome de arma e dois substantivos comuns; destes últimos, o primeiro é termo corrente da Língua Portuguesa e o segundo foi tomado diretamente do francês pelo Autor:

“Falavam os rifles e outros: *manlixa*, *granadeira* e *comblém*” (p. 161) (de *comblain*, carabina inventada pelo belga *Comblain*)

“Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer *balancê*, de se remexerem dos lugares.” (p. 142) (‘passo de *quadrilha*’, ‘pequeno baile’)

“ . . . minha amizade com *Diadorim* estava sendo feito água que corre em pedra, sem *pêpa* de barro nem pó de turvação.” (p. 327) (de *pépin* — ‘seixo’)¹⁶

Quanto aos empréstimos de línguas indígenas, um veio menos explorado, mas, de qualquer forma presente em sua obra, citemos os exemplos seguintes, todos eles já explicados por Cavalcanti Proença¹⁷:

“Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas.” (p. 145) (de colomim — tupi kulumi — ‘menino’, daí, ‘brincar’, ‘divertir-se como criança’)

“E era êle vir, debaixo se todos os segrêdos, tapejar o bando de Joca Ramiro...” (p. 94) (de tapejara — ‘conhecedor de caminho’, ‘guia’)

“Decerto andavam disfarçados de mbaiá — o senhor sabe — isto é, revestidos com moitas verdes e folhagens.” (p. 269) (de mbaiá — ‘tipo de caçada’)

4. ADAPTAÇÃO A LÍNGUA PORTUGUESA

Como ficou esclarecido em itens anteriores (mas aqui o faremos de maneira explícita), existe uma diferença de tratamento do estrangeirismo em Euclides da Cunha e em Guimarães Rosa, no que se refere ao aspecto formal do vocábulo.

Vimos que Euclides da Cunha, na maioria das vezes, utiliza o termo estrangeiro, tal como ele é grafado na língua de origem. Exemplos típicos são os nomes de armas, como Mannlicher, Mauser, Comblain, etc., já citados anteriormente.

O mesmo não acontece em Guimarães Rosa. As palavras importadas se adaptam plenamente à matriz receptora, quer se trate de aproveitamento de termos já utilizados na linguagem oral — manlixa por Mannlicher, comblém por Comblain —, quer se trate de um propósito claro do Autor em aportuguesar o vocábulo, como xô, por show ou esmarte, por smart.

Tal princípio de adaptação fonética já se tornou um truísmo, em se tratando de interinfluência lingüística. Como afirma Edward Sapir, “a importação acarreta sempre aos termos estrangeiros uma modificação fonética. Há sempre sons peregrinos ou peculiaridades de acentuação que não se adaptam aos hábitos fonéticos nativos”.¹⁸

A gênese dessa adaptação fonética talvez possa ser explicada pelo próprio Guimarães Rosa, no trecho que vale a pena transcrever outra vez:

“Ah, o senhor conheceu êle?... E como é mesmo que o senhor fraseia? **Wusp?** É. Seo Emílio **Wuspes...** **Wúpsis...** **Vupses...** Pois êsse **Vupes** apareceu lá...” (p. 57)

As tentativas do jagunço Riobaldo em reproduzir o vocábulo estrangeiro redundaram em fracasso, se atentarmos para a distância que existe entre a pronúncia do alemão **Wulps** e a do português-sertanejo **Vupes**. Mas o “ensalo e erro” de Riobaldo, aqui demonstrado através da série desordenada de tentativas — **Wusp** — **Wuspes** — **Wúpsis** — **Vupses** — **Vupes** —, é um sinal bastante visível de um esforço de adaptação fonética. Aqui, como em quase todos os exemplos do **Grande Sertão: Veredas**, os processos de adaptação fonética são levados às últimas conseqüências, com repercussões também no plano mórfico e sintático.

Em **Euclides da Cunha**, os estrangeirismos comportam-se como órgãos transplantados que encontraram absoluta rejeição no corpo novo.

Em **Guimarães Rosa**, os novos órgãos se adaptaram inteiramente à nova situação, não só sob o aspecto fonético, como também sob o aspecto morfo-sintático.

Foi assim que a locução adverbial latina *ab irato*, tão distante da Língua Portuguesa por causa do estranho *ab*, transformou-se em **abirado**, muito mais vernácula. Acrescente-se a isso a sonorização da linguodental /t/, advindo daí o hipotético sufixo verbal característico do participípio, de emprego generalizado em português:

“Ao que eu, **abirado**, reagi... (p. 381)

A frase latina *vade retro* também soa estranho aos ouvidos de Riobaldo, por causa do inusitado *vade*. Nada mais natural do que a reinterpretação da expressão de acordo com o modelo vernáculo:

“**Vá de retro!** — nanje os dias e as noites não recordo.” (p. 260)

A mesma expressão é aproveitada de maneira diferente, com a exclusão do *de*, surgindo daí a partícula *vá*, que passa a funcionar como verdadeira forma verbal portuguesa:

“Será [...] que viajei êste sertão com o Outro sendo meu sócio? Vá retro!” (p. 364)

O adjetivo inglês *smart* é definitivamente estranho aos moldes fonológicos portugueses. Em vista disso, recebe um e protético, de acordo com o modelo vernáculo, passa a ter o a mais aberto, velariza o r e, finalmente, adapta-se ao paradigma de formação de plural em português.

“... aquêles esmerados esmartes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas...” (p. 81)

Strip tease também adquire nova roupagem; a adaptação fonética fez surgir um pseudo-sufixo:

“Ah, mas, dêles, tiros vinham, bala estripitriz.” (p. 269)

Por fim, *lordeza* e *lordear*, ambos provindos de *lord*, acomodam-se ao sistema derivacional do português, com os sufixos — *eza* e — *ear*:

“Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na *lordeza*”. (p. 95)

“Mas, minha vida na fazenda, era ruim ou era boa? Se melhor era [...] *Aí lordeei*.”¹⁹ (p. 102)

5. EMPRÉSTIMO, LINGUAGEM ORAL, ESTILO; CONCLUSÃO.

Um dado que nos parece de fundamental importância para a caracterização do empréstimo nas duas obras que vimos estudando, é a perspectiva em que cada um dos autores se coloca com relação à linguagem oral.

Euclides da Cunha, ao escrever *Os Sertões*, colocou-se na posição clássica de narrador²⁰. Isso quer dizer que o livro foi escrito em terceira pessoa, havendo, portanto, um distanciamento entre narrador e narrativa. O episódio da Campanha de Canudos não foi contado de dentro para fora, isto é, não foi contado por alguém que participou da Campanha, nem como “fanático”, nem como soldado. É sabido que Euclides da Cunha esteve no campo de batalha na última fase da luta, como correspondente de um jornal paulista, mas esse é um dado excrescente, que escapa à

análise do texto. O narrador Euclides da Cunha é uma entidade atemporal e ubíqua, presente ou no Rio, ou em Salvador, ou em Queimadas, ou no Santuário de Antônio Conselheiro, durante todas as fases da campanha. Tal perspectiva é uma das responsáveis pela ausência quase que total do discurso oralizado em *Os Sertões*. Sublinhe-se, no entanto, que estamos nos referindo ao “discurso oralizado”, ou seja, à reprodução da fala de um personagem, com suas implicações fono-morfo-sintáticas. Sublinhe-se esse dado, porque é sabido que Euclides da Cunha também aproveitou termos e expressões da linguagem local, mas sempre com o distanciamento do narrador, tal como já o definimos.

Esse narrador, distanciando-se da linguagem oral, vai procurar um estilo grandioso e rebuscado, que chega muitas vezes às raízes de uma inextricabilidade insustentável, quer sob o ponto de vista artístico, quer sob o ponto de vista lógico.

Para o refinamento da linguagem, pode-se também lançar mão do estrangeirismo. Mas o estrangeirismo como estrangeirismo, com os ares de uma nobreza longínqua e de um apurado eruditismo, tão a gosto dos parnasianos e com aquela “nota heterogênea”, de que nos fala Marcel Cressot:

“Il en résulte dans la phrase une note hétérogène, un choc expressif, un effet de dépaysement — à la condition toutefois que le mot s’incorpore à la masse e n’ait pas simplement le caractère d’une glose qui pourrait aussi bien figurer dans une note au bas de la page.”²¹

A transcrição foi um pouco além do pretendido, porque a segunda parte explica bem o espírito do emprego do estrangeirismo, quando utilizado com fins estilísticos. O que importa não é tanto o aspecto denotativo do termo emprestado, que muitas vezes encontra similar idêntico na língua importadora²², mas o “tom heterogêneo”, o “choque expressivo” e o efeito de “dépaysement”, que dispensam qualquer adendo explicativo.

Além disso, não se pode deixar de levar em consideração o fator prestígio como causa do empréstimo lexical. Um escritor como Euclides da Cunha utiliza-se de empréstimos do latim, do

inglês, do francês e do alemão para enobrecer o estilo, tendo em vista o alto conceito que as culturas veiculadas por essas línguas têm entre nós. Ronald Langacker, que estuda em seu livro o problema do empréstimo lexical como reflexo do empréstimo cultural, afirma que “o uso de palavras francesas em conversações inglesas tornou-se uma prática comum por causa do ar de prestígio que as acompanhava.”²³ Poderíamos parodiar o lingüista norte-americano, dizendo que “o uso de palavras estrangeiras em Euclides da Cunha — como de resto, em vários autores brasileiros — tornou-se uma prática comum por causa do ar de prestígio que as acompanhava”.

Em Guimarães Rosa, como tudo ou quase tudo é novo, e como tudo ou quase tudo nos espanta, vemos que o estrangeirismo recebe um tratamento desusado. Nem de um lado, a subserviência a moldes peregrinos, que funcionam como órgãos transplantados em fase de rejeição, nem por outro, a atitude passadista de um purismo hermético ao comércio salutar de palavras.

Grande Sertão: Veredas é um romance oralizado, onde se observa “a ausência de distanciamento entre narrador e narrativa”, para usarmos as palavras de Ivana Versiani Galery.²⁴

Mas, além do aspecto oralizado da linguagem rosiana, o que se observa em **Grande Sertão: Veredas** é a atitude de “babelização” da linguagem, se nos é possível usar o termo, aproveitando as sugestões de Paulo Rónai, no artigo “A Fecunda Babel de Guimarães Rosa”. Afirma o estudioso: “Sentiria Guimarães Rosa saudades de uma superlíngua, que unisse as virtudes e as potencialidades expressivas de todas, um esperanto “sui-generis”, destinado menos a ser compreendido de todos do que a dizer todo o concebível por qualquer um?”²⁶

Parece que o conceito de “superlíngua”, apenas arranhado por Paulo Rónai, é de fundamental importância para a compreensão do fenômeno rosiano, no que se refere ao estilo. Assim pensamos, por dois motivos:

Em primeiro lugar, o próprio Autor declara-se a favor de uma internacionalização da linguagem, talvez por sentir que o “recorte” da realidade operado pela Língua Portuguesa é demasiado restrito

para a sua visão cosmopolita do mundo: “Eu quero tudo: o mineiro, o brasileiro, o português, o latim — talvez até o esquimó e o tártaro. Queria a língua que se falava antes de Babel.”²⁷

Além disso, como se sabe, o texto rosiano é a depuração de elementos ou camadas variadas, que se reúnem para formar um “espaço particular” rico e inconfundível. São esses elementos, para citar apenas alguns: linguagem oral, linguagem popular, linguagem erudita, neologismos, arcaísmos, metáforas, cortes de palavras, truncamentos, paroxismos de transposições sintáticas e o que vimos estudando — empréstimos.

A atitude de “babelização” da linguagem, de que fomos falando, e o produto consubstanciado na “superlíngua”, de que nos fala Paulo Rónai, vão criar, portanto, um “espaço particular” na *écriture* de Grande Sertão: Veredas, tal como o conceberam Roland Barthes e Jean Ricardou, quando afirmam que “a literatura — l’écriture — não é a comunicação de uma informação, mas a tentativa de exploração da linguagem, entendida como um espaço particular”.²⁸

Entre Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, mais do que cinqüenta anos de tempo decorrido, medeiavam uma revolução estilística profunda e alguns tênues sinais de mudança lingüística, de que os empréstimos, como procuramos demonstrar, são testemunhas.

NOTAS

1. LANGACKER, Ronald W. *A Linguagem e sua Estrutura*, 1972, p. 187.
2. CAMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*, 1964, p. 267.
3. SAPIR, Edward. *A Linguagem (Introdução ao Estado da Fala)*, 1971, p. 204.
4. CAMARA JR., J. Mattoso. *op. cit.*, p. 271.
5. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*, 1933
Todas as citações referem-se a esta edição.
6. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, 1967. Todas as citações referem-se a esta edição.

7. Apud CASTRO, Nei Leandro de. **Universo e Vocabulário do Grande Sertão**, 1970, p. 21.
8. Neste trabalho, conservamos fielmente a grafia empregada por Guimarães Rosa, por ser ela, algumas vezes, elucidativa e enfática.
9. Apud PROENÇA, M. Cavalcanti. "Trilhas no Grande Sertão". In: **Augusto dos Anjos e Outros Ensaios**, 1973, p. 213 .
10. Como base para nossas consultas, tomamos: AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**, 1964.
11. PROENÇA, M. Cavalcanti. op. cit., p. 213.
12. PROENÇA, M. Cavalcanti. op. cit., p. 213.
13. Com relação a esta palavra, a interpretação não é tranqüila entre os estudiosos. Além da possibilidade de ser um empréstimo adaptado do inglês, é possível ver o vocábulo como uma fusão de estripar + triz ou, como pretende Mary L. Daniel, a palavra estaria ligada a estrepitosa. Consulte-se, a respeito da questão, CASTRO, Nei Landro de. op. cit., p. 21.
14. CASTRO, Nei Leandro de. op. cit. p. 21.
15. BLOOMFIELD, L., apud CAMARA JR, J. Mattoso. **Dicionário de Filologia e Gramática**, 1964.
16. Apud DANIEL, Mary L. **João Guimarães Rosa: Travessia Literária**, 1968, p. 30.
17. PROENÇA, M. Cavalcanti. op. cit., 213.
18. SAPIR, Edward. op. cit., p. 196.
19. Lordeza é um termo comum no Nordeste Brasileiro, conforme registra o **Dicionário de Caldas Aulete**. Houve, portanto, por parte de Guimarães Rosa, aproveitamento da linguagem popular. **Lordear** não é dicionarizado. Mas **lorde** e **lordar** são. Parece que a interpretação mais correta seria a de se considerar **lorde** como vocábulo importado, mas que já adquiriu em português a condição de raiz produtiva, tendo em vista os seus derivados **lordeza**, **lordar** e **lordear**.
20. É interessante observar que na "Nota Preliminar" de **Os Sertões**, Euclides da Cunha coloca-se, implicitamente, na posição de narrador, ao afirmar: "... façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a história como ela o merece".

21. CRESSOT, Marcel. *Le Style et ses Techniques*, 1961, p. 56.
22. Como, por exemplo, steeple-chase, que tem em português o correspondente já consagrado corrida de obstáculos.
23. LANGACKER, Ronald. op. cit., p. 189.
24. GALERY, Ivana Versiani. *Os Prefixos Intensivos em Grande Sertão: Veredas*, 1969, p. 21.
25. RÓNAI, Paulo. "A Fecunda Babel de Guimarães Rosa". In: *Suplemento Literário de O Estado de São Paulo*, 30/11/68, p. 1.
26. Id. ib., p. 1.
27. Carta do Autor, datada de 03/11/64, apud DANIEL, Mary L. op. cit., p. 26.
28. Apud NÁNEZ, Emilio. *La Lengua que Hablamos — Creación y Sistema*, 1973, p. 19.

BIBLIOGRAFIA

- AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio, Delta, 1964, 2 ed. Brasileira.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Grática*. Rio, Ozon, 1964.
- CAMARA Jr., J. Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. Rio, Acadêmica, 1964, 4 ed.
- CASTRO, Nel Leandro de. *Universo e Vocabulário do Grande Sertão*. Rio, José Olympio, 1970.
- GRESSOT, Marcel. *Le Style et ses Techniques*. Paris, Presses Universitaires de France, 1961.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio, Francisco Alves, 1933, 12 ed.
- DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: Travessia Literária*. Rio, José Olympio, 1968.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d.
- GALERY, Ivana Versiani. *Os Prefixos Intensivos em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte, 1969.
- LANGACKER, Ronald W. *A Linguagem e sua Estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1972.

NÁÑEZ, Emilio. La Lengua que Hablamos — Creación y Sistema, Santander, Ed. Gonzalo Bedia, 1973.

PROENÇA, M. Cavalcanti. “Trilhas no Grande Sertão”. In: Augusto dos Anjos e Outros Ensaios. Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1973, 2 ed.

RÓNAI, Paulo. “A Fecunda Babel de Guimarães Rosa”. In: Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, 30/11/68, p. 1.

RÓNAI, Paulo. Não Perca o seu Latim. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967, 5 ed.

SAPIR, Edward. A Linguagem (Introdução ao Estudo da Fala). Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.